

5ª PARTE

DISCURSOS

Discurso de Posse

Ubiratan Diniz Aguiar

Esta noite tem um significado todo especial para mim. É a alegria do Jaguaribe correndo cheio, de barranca a barranca, molhando o leite ressequido, encharcando os olhos do sertanejo. É sertão e é mar; nascente e foz dos sonhos. Para melhor definir esta noite, recolho da poesia de Virgílio Maia estes versos:

“Esta noite é melhor que mil meses,
vale mais, muito mais que mil navios,
que rebanhos de formosas reses,
e abarca a somatória dos estios.”

Sinto algo diferente perpassar meu ser, revolver uma história de vida. Aconselho-me com o pensar e ajoelho-me diante do sentir. Vejo-me em versos que escrevi:

Minh'alma transcende
É algo que se acende
Diante de mim,
Sem começo, sem começo, sem fim
E meus olhos ao vê-la
Brilham tal qual estrela.
Sem começo, sem fim.
Da matéria se desprende
Fluido que não se estende
Às entranhas donde vim
E se torna paz, assim
Que ao senti-la, percebê-la
Passeio no vagão da estrela.

Viajo esta noite no Vagão das estrelas, conduzindo valores hoje esmaecidos pelo egoísmo do TER, relegados a plano secundário por uma Nação erguida, dia após dia, sem as bases, os alicerces do humanismo.

Vejo nesta casa – o Palácio da Luz – local em que se reúnem os cultores das letras, uma réstia de sol brilhando e incendiando espíritos, convocando todos para ir as ruas, em defesa de uma sociedade que eleja os fundamentos da ética e da moral como balizas do novo amaneher: pleno de cidadania, revestido de cultura.

Esta hora marca minha vida. Ingresso no templo sagrado do saber, na mais antiga Academia de Letras do país, diante dos intelectuais que a integram, oriundos das mais variadas vertentes culturais. Lembro-me de Paulo Freire ao afirmar: “Não existe saber maior ou, saber menor, existem saberes diferentes”.

Na diversidade dos saberes de seus integrantes, a Arcádia construiu o mosaico da vida literária alencarina. Daqui saíram para a Academia Brasileira de Letras: Raimundo Magalhães Júnior; Gustavo Barroso, que foi seu Presidente; e Rachel de Queiroz, entre outros. Os que aqui permaneceram projetaram nossa terra através de trabalhos, pesquisas e publicações de obras, imortalizando seus autores, engrandecendo a casa de Thomaz Pompeu.

Inscrevi-me para concorrer à vaga deixada pelo grande mestre e filólogo José Alves Fernandes, impulsionado por um projeto maior, acalantado durante anos: o de aqui chegar para compor, somar-me a quantos acreditam e professam ser a Cultura a fonte natural para se escrever a história de um povo.

Reencontro passageiros da nave existencial, das ruas da alegria, das praças de protesto, dos degraus da escalada social, dos sertões e serras por onde peregrinei durante anos, da vida universitária, a exemplo de Marly Vasconcelos, poetisa densa e singular.

Transponho o pórtico deste recinto e a saudade invade meu ser, ao lembrar-me de tantos amigos que, hoje, escrevem romances e crônicas, fazem versos em outra dimensão, à luz das estrelas. Reverencio três, em nome dos muitos que partiram: Cláudio Martins, prefaciador

de meu primeiro livro sobre Educação - *Educação, direito de todos*, tema de minha paixão permanente; Barros Pinho, o amigo-irmão, cuja ausência reaviva em mim o exemplo de lealdade, o destemor no dizer, a serenidade com que pautou sua vida, o poeta que pintou de azul a paz e o amor; José Alves Fernandes, a quem tenho a honra de suceder, o mestre das letras, a alma banhada com as águas da bondade, extraída da fonte limpa das cacimbas de areia.

Peço, por empréstimo, à diletta amiga e acadêmica Noemi Elisa palavras que proferiu na saudação a José Alves Fernandes. Com o brilho que lhe é peculiar, assim disse:

“O poder interior da genialidade provoca, às vezes, uma externa humildade, que já pertence a um quadro de autobem-aventurança.

Raramente se configura genialidade com simplicidade ou grandeza com humildade. E aqui lembramos Sócrates como histórico exemplo original”.

Acompanho ainda Noemi Elisa ao tracejar com leveza e elegância de estilo o perfil do erudito filólogo e humanista:

“Calmo e contemplativo, seus passos se harmonizaram com o ritmo de um pensamento humanizante que parecia considerar até o chão que pisava ao conduzir-se à sala de aula, quiçá, por tê-lo já introjetado, quiçá, por já se ter nele refletido, sabendo-o sagrado, matriz de tudo o que surgiu à superfície”.

Após a leitura do pronunciamento de Noemi Elisa, mergulhei em profunda reflexão: como suceder um gênio. Ele é o gênero; eu, a espécie. Ele é o todo na configuração dos exemplos; eu, a parte na busca do aprendizado.

Recorro à poesia de Batista de Lima para encontrar a melhor forma de expressar-me nesta hora: “Não sei com que roupa vou vestir o meu dizer, palavras são panos poucos para cobrir tantos abismos”.

Sinto que há uma abissal distância entre nossos saberes.

Assumo a cadeira 29 da Academia Cearense de Letras, patroaneada pelo historiador, jurista e professor Paulino Nogueira. Foi um dos fundadores do Instituto do Ceará, deputado provincial e geral,

Vice-Presidente da Província, Desembargador do Tribunal de Justiça e mestre do Liceu do Ceará. Dentre as inúmeras obras que publicou, merece especial destaque a que versa sobre a execução de Pinto Bandeira perante a História.

Sucedendo José Alves Fernandes e tendo como patrono o ínculto homem público Paulino Nogueira, resta-me apelar à benevolência dos confrades e confreiras ao me apresentar como o novo integrante do Colegiado.

A grande escola da vida ensinou-me a batalhar por causas que nos engrandeçam, a ser solidário nas adversidades, a ter a leveza dos que não guardam ressentimentos e a virtude de saber chegar ao topo da montanha abençoando a planície das multidões. Disse que vim para me somar e é com esse intuito, Senhor Presidente e nobres acadêmicos, que me associo e me incorporo à campanha em favor do projeto de restauração do Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras, imóvel tombado pelo patrimônio histórico do Estado, cujas condições físicas, aliadas à necessidade da modernização dos seus equipamentos e à restauração da biblioteca com seu acervo histórico de obras raras, reclamam providências, clamam pela união dos esforços de todos nós.

Urge promover-se amplo debate sobre o papel reservado à cultura no processo de formação de nossa gente. Educação e Cultura são indissociáveis. São ações complementares. Uma orienta o ensino, a outra é a essência, o conteúdo que formata o cidadão. A quem se comete a responsabilidade da inclusão da criança, do jovem, no debate dos temas relacionados aos costumes, ética, moral, crença religiosa, valores fundamentais da nacionalidade? Qual o caminho proposto pelo Estado à Nação para discussão dos problemas relacionados à família, a fim de superar desencontros, orientar os filhos e dialogar com eles, ante a escassez do tempo dividido entre o trabalho e o lar?

Fazemos parte de um Estado concentrador de renda, de uma Federação com alguns Estados privilegiados em detrimento da grande maioria e, entristecidos, vemos a corrupção contaminar o tecido social.

A tudo assistimos reclamando da violência, filha legítima da injustiça social, e nos rejubilamos quando surgem casos de combate aos efeitos, esquecidos das medidas preventivas em relação às causas.

Qual o nosso papel diante dessa realidade?

Que intelectuais, filósofos, escritores, poetas, líderes de uma geração somos nós ao presenciarmos silentes a perpetuação desse cenário? Continuaremos a assistir, sem nada dizer, a orçamentos públicos que consignam à cultura recursos cujos percentuais se aproximam de zero?

Somos atores e personagens desta história. Ou saímos da passividade confortável instalada em conceitos, ou testemunharemos a procissão dos deserdados de amanhã.

Somos forças vivas do Estado. Se todo poder emana do povo, somos governo. Compomos a elite pensante e formuladora de ações e projetos. Entendo ser a hora de firmarmos um posicionamento, pensando alto e tendo a unidade como alicerce; embora poucos, seremos muitos; esquecidos, seremos lembrados, pois o fardão da imortalidade transformar-se-á em couraça no enfrentamento das letras contra os números.

Essa é a reflexão que trago no momento em que adentro a Academia Cearense de Letras. Chego com os versos de Cecília Meireles: "Um poeta é sempre irmão do vento e da água; deixa seu ritmo por onde passa".

Sou irmão do vento quando ele atravessa os mares e se converte em brisa que refrigera o corpo; do vento que assovia nos coqueirais, falando de saudade. Sou irmão da água, transmitindo paz neste mundo de violência. Tenho o ritmo inquieto, característica de quem não se acomoda às rotinas, nem porta títulos como ostentação, mas os conduz como bênçãos que lhes foram dadas para SERVIR à sua gente.

A emoção que veste meu ser traz o registro da gratidão aos nobres acadêmicos por haverem propiciado ao filho do Cedro, dos sertões do Salgado, extravasar seu sentimento, dizendo mais uma vez versos de Cecília Meireles:

“Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste.
Sou poeta.”

Sou um homem feliz. Este instante existe em uma nova estação de minha existência. Fiz parada na Educação e a cátedra deu-me a chance de ensinar e aprender. Ao desembarcar na gare do Parlamento, fui premiado com a grande oportunidade de ser um dos subscritores da Constituição de 1988, com atuação dedicada ao capítulo VIII, que trata da Educação e Cultura, ao lado de nomes como Florestan Fernandes, Otávio Elísio, Artur da Távola e Cid Carvalho. A seguir, desembarquei no tribunal responsável pelo exame da aplicação dos recursos públicos, cuidando da gestão e do controle. Escrevi sobre Educação, Gestão, Ciência Política e Poesia. Realizei-me nos versos e, posteriormente, em vê-los musicados, enternecendo o espírito. De meu Deus, dos meus amigos, da minha família, tudo recebi, e este dia, esta noite, completa minha vida. Ganhei experiências por onde passei e sou reconhecido a quantos foram meus mestres durante a jornada. Sou feliz por tudo o que fiz e por poder olhar para o passado, vislumbrar o futuro na estação das letras. A poesia faz-me vivenciar o interior, pulsar o coração, dormir no berço da paz de espírito e caminhar com os sonhos, marcando os dias vindouros nos projetos por realizar.

A razão diz que é hora de parar; o sentimento fala que é o instante de agradecer. Diante da incerteza no caminho a tomar, aconselho-me com Sêneca, o grande filósofo romano, ao escrever: “Sempre que houver completa incerteza, inclina a balança em teu favor: crê no que te agrada”.

É agradável ao poeta pôr sua alma genuflexa diante dos que compõem o colegiado, pela aprovação de seu nome para integrar este sodalício. Aos que, nos momentos de luta para consecução do objetivo, trouxeram seu estímulo e desanuviaram horizontes, o reconhecimento que o tempo não apaga.

Dentre esses apoiadores, gostaria de ressaltar três nomes na peregrinação existencial: José Teles, na convivência dos poemas de mesa, nas ondas artesanais e do mar de Bitubitá e da ALANE; das áreas de Educação e Cultura, Ednilo Soarez, filho do grande mestre Edilson Brasil Soarez, a quem devo o primeiro emprego como professor, no Colégio 7 de Setembro; Juarez Leitão, historiador, mestre e orador fluente, companheiro dos sábados na livraria do Sérgio Braga, cuja síntese se encontra em seu livro: Sábado - estação de viver - histórias da boêmia cearense.

À acadêmica Angela Gutierrez, escritora e festejada mestra, ao me cumular de referências elogiosas, mostra-se por inteiro: generosa no relacionamento humano, elegante no estilo, sábia no tocar a melodia da palavra para alcançar o coração.

Recorro, uma vez mais, a Cecília Meireles:

“Somos sempre um pouco menos do que pensávamos. Raramente, um pouco mais”. Angela, você me fez pensar por alguns segundos, ser um pouco mais.

Presidentes Pedro Henrique e José Augusto: um cumpre com inextinguível zelo e dedicação sua missão prestes a se findar; o outro se apresta para assumir, oferecendo seu talento e conhecido senso administrativo. Ambos permanecerão construindo a grandeza da Academia. Obrigado pela acolhida.

Concluo citando Fernando Pessoa, cuja poesia, atravessando mares, traduzida em vários idiomas, guarda a oportunidade e a beleza das palavras eternas: “O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.